

**O ESTATUTO DE CIÊNCIA E RELIGIÃO COMO VISÕES DE MUNDO**

## THE STATUTE OF SCIENCE AND RELIGION AS WORLDVIEWS

MARCIANO ADILIO SPICA (\*)



(\*) Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC com Pós-doutorado pela University of Glasgow – Scotland. Atualmente é professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO.

e-mail: marciano.spica@gmail.com

**Resumo**

O objetivo deste trabalho é mostrar que tratar religião e ciência como visões de mundo no sentido de termos uma visão de mundo científica e uma visão de mundo religiosa é um equívoco, fruto da ideia de que seria possível deixarmos completamente de lado nossas crenças primitivas e viver somente de crenças racionais e evidencialistas ou de que somente um ramo do saber faz uso da razão. Para cumprir com este objetivo, partirei de uma análise do conceito visão de mundo e de como formamos nossa visão de mundo. Defenderei que ela é formada tanto por crenças imediatas (sem o uso necessário da reflexão) e crenças mediadas (mediadas pelo uso da razão). Após isso, mostrarei os efeitos que minha abordagem teria no debate da relação entre ciência e religião.

**Palavras-chaves:** Visão de mundo, religião, ciência.

**Abstract**

The point of this work is to show that it is a misconception to approach religion and science as worldviews in the sense of there is a scientific worldview and a religious worldview. This misconception is a result from the idea that it would be possible to completely ignore our primitive beliefs and to live only with rational and evidentialist beliefs or from the idea that only a branch of knowledge makes use of reason. To achieve that goal, I will start from an analysis of the worldview concept and how we form our worldview. I will argue that it is formed both by immediate beliefs (without the necessary use of reflection) and mediated beliefs (mediated using reason). After this I will show the effects that my approach would have on the debate of the relationship between science and religion.

**Keywords:** Worldview, religion, science.

NOTAS PRELIMINARES

O conceito “visão de mundo” tem sido usado em muitas áreas da filosofia e é muito comum de ser encontrado nas discussões envolvendo a relação entre religião e ciência. Neste sentido, é também comum de se dizer que atualmente religião e ciência são duas visões de mundo que fornecem - através de suas crenças, práticas, teorias, doutrinas e métodos de ação - uma imagem completa do mundo que influencia as práticas e crenças humanas. Em muitos casos, chega-se à conclusão que estas (ciência e religião) são duas visões de mundo completamente incomensuráveis e irreduzíveis, em outros prega-se a completa fusão entre ambas, enquanto em outros mostra-se que elas são duas visões de mundo sobre um mesmo mundo e, portanto, se uma estiver errada, a outra necessariamente estará certa, além daqueles que dizem que tais visões de mundo podem existir concomitantemente, desde que sejam respeitados os limites e objetivos de cada uma destas visões de mundo<sup>1</sup>.

A meu ver, o tratamento de religião e ciência como visões de mundo está envolto, em geral, numa confusão devido a um mau tratamento da questão de como nós adquirimos nossas crenças, experiências, práticas, atitudes e valores que formam nossa visão de mundo. É muito comum, por exemplo, em questões que envolvem comparações entre a visão de mundo religiosa e a visão de mundo científica, a tendência a defender que, para ser intelectualmente respeitável, uma crença ou um sistema de crenças precisa ter evidências ou argumentos que as justifiquem. Ou seja, as pessoas acreditam que para uma teoria científica ou uma crença religiosa ou uma prática humana qualquer ser intelectualmente relevante, esta deve ter boas evidências ou bons argumentos que justifiquem a confiança que se deposita nela. A pergunta que se coloca aqui é se nossa visão de mundo é completamente evidencialista, ou seja, se só formamos visões de mundo a partir da certeza de que elas possuem boas bases para serem tomadas como intelectualmente razoáveis. Ou, ainda melhor, se nossa visão de mundo necessariamente é mediada pela razão ou argumentação em todos os momentos de sua formação.

A meu ver, estes problemas surgem do fato de que boa parte das pessoas, inclusive alguns filósofos, acreditam que religião e ciência se constituem em dois tipos totalmente

---

<sup>1</sup> Para um panorama mais claro destas abordagens ver Barbour, 1997.

diferentes de visões de mundo. Ou seja, há uma crença de que existe uma visão de mundo científica e uma visão de mundo religiosa, além, é claro, de outras visões de mundo tais como as políticas, ideológicas, etc. Mas, será que isto procede? Ou seja, é possível dizer que religião e ciência são ambas visões de mundo? Não seria mais interessante afirmar que religião e ciência são ambas constitutivas de nossa visão de mundo e que isto deve ser levado em conta nos estudos da relação entre religião e ciência? A meu ver, a resposta a estas questões passa por um entendimento de como desenvolvemos e compreendemos nossa imagem ou visão de mundo.

## 1. VISÃO DE MUNDO

Tomo visão de mundo como o conjunto de crenças, experiências, práticas, atitudes e valores que uma determinada pessoa ou comunidade possui e que determina a forma como esta pessoa ou comunidade entende o mundo e o seu próprio lugar nele. A visão de mundo influencia tanto a prática cotidiana do sujeito, até suas decisões morais, religiosas e, em sentido amplo, até mesmo suas ideias do que é racional ou irracional, verdadeiro ou falso<sup>2</sup>.

Defendo que há, ao menos, dois momentos decisivos e complementares, apesar de não necessariamente concomitantes, na formação de nossa visão de mundo. Vou dividi-los, por falta de um termo melhor, em momento imediato, no sentido de ser um momento não-reflexivo, no qual os aspectos constitutivos de nossa visão de mundo são aprendidos de uma forma tal que nós não questionamos, buscamos por provas, evidências ou razões para aquilo que fazemos ou acreditamos e um segundo momento que chamarei de momento mediato, no sentido de ser mediado pela razão e pela reflexão.

---

<sup>2</sup> A definição de visão de mundo que estou apresentando tem influência das discussões feitas por Wittgenstein nas seguintes obras: Wittgenstein, 1972; Wittgenstein, 2001 e Wittgenstein, 2010. Nestas obras o autor apresenta alguns fragmentos onde discute a ideia de Imagem de Mundo (*Weltbild*) e Visão de mundo (*Weltanschauung*). Para o autor, Imagem e Visão de mundo são coisas diferentes. A grosso modo, podemos dizer que a imagem de mundo é tácita e pré-reflexiva, enquanto a visão de mundo é consciente e fruto da reflexão sobre o mundo e a imagem de mundo. Para um maior esclarecimento sobre isso ver: Spica, 2012 e Hamilton, 2014. Aqui, não trato da distinção entre imagem e visão de mundo e tomo visão de mundo como um misto daquilo que Wittgenstein chamou de imagem e de visão de mundo. Isso se deve ao fato de que boa parte das abordagens, em filosofia da religião, não abordam tal distinção. Além do que, estou convencido de que é impossível fazer uma distinção clara entre imagem e visão de mundo, como queria Wittgenstein, no que tange às influências delas nas nossas crenças cotidianas, o que, espero, fique claro no decorrer deste artigo.

No início de nosso desenvolvimento linguístico e cognitivo, formamos uma imagem de mundo primeira ou primitiva<sup>3</sup>, no sentido temporal. Ela se constitui naquela que adquirimos antes de pensarmos propriamente sobre o mundo e refletir propriamente sobre nossas crenças. Essa visão ou imagem de mundo constitui o substrato primitivo de nossas decisões, práticas e crenças cotidianas. Fazem parte desta visão de mundo nossas impressões primeiras do mundo, os conceitos fundamentais que aprendemos na nossa infância, o lidar cotidiano com o mundo que se nos apresenta sem mediação constante da razão, as experiências formativas de nossas crenças primitivas, os aspectos afetivos que desenvolvemos em nossas primeiras relações, os valores recebidos de nossos pais, etc. Essa visão de mundo primitiva não é aprendida como hipótese científica ou filosófica, ao contrário, é aprendida em nosso atuar cotidiano, como membros de determinado modo de vida, como parte da comunidade humana a que pertencemos, a qual desempenha um papel fundamental, mas não necessariamente definitivo<sup>4</sup>. É em nossa vida mesmo, em nosso dia a dia, que aprendemos a acreditar em certas coisas e duvidar de outras e usar essas crenças e dúvidas. Essas atividades não estão baseadas em grandes teorias ou hipóteses racionais, nem são puramente fé, elas são simplesmente, mas também profundamente, o que nós fazemos<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Como ficará claro abaixo, o uso do termo “primitiva” não significa nenhuma apologia à ideia de que esta visão de mundo é intelectualmente inferior. Tal termo refere-se apenas ao fato de que tal visão de mundo é anterior a uma visão de mundo mediata.

<sup>4</sup> A ideia de que o papel da comunidade que rodeia o sujeito não seja necessariamente definitiva na visão de mundo do sujeito, deve-se ao fato de que é possível que o sujeito experiencie coisas e situações que outros membros de sua comunidade não tenham experienciado e que essas experiências podem ajudar a moldar, em algum sentido, a visão de mundo primitiva do sujeito. É difícil negar que experiências sensoriais do sujeito não formam parte da visão de mundo de um sujeito e, mais do que isso, não sejam consideradas como boas razões para se acreditar em algo. Como escreveu Thomas Reid “Se me perguntarem por que creio que o cheiro existe, não posso dar nenhuma outra razão – tampouco seria capaz de dar outra razão – senão a de que eu o sinto. Se me perguntarem por que creio que ele existiu ontem, não posso dar nenhuma razão além de que eu me lembre dele” (Reid, 2013, p. 37). É importante deixar claro que não estou pregando nenhuma ideia de que não constituímos nossa visão de mundo socialmente, estou apenas abrindo a possibilidade para que entendamos que experiências individuais ajudam a moldar e, às vezes, determinam o modo como certos indivíduos vêem o mundo. Essa ideia, a meu ver, é muito útil para entendermos como certas experiências individuais estão na base da formação de grandes doutrinas religiosas. É importante ressaltar também que não estou afirmando que do fato de que temos experiências sensoriais privadamente, estas experiências não podem de nenhuma forma serem transmitidas a outras pessoas (veja-se para isso as discussões de Wittgenstein contra o argumento da linguagem privada nas *Philosophical Investigations*).

<sup>5</sup> Aqui podemos nos reportar às discussões que Wittgenstein faz sobre a noção de *Weltbild* (imagem de mundo) na obra *On Certainty* (1972). Nela ele afirma que formamos nossa imagem de mundo de forma não explícita, através da nossa interação com a comunidade humana. Isso fica claro quando ele afirma que “A criança aprende a acreditar num grande número de coisas. Isto é, *aprende a atuar* de acordo com essas convicções. Pouco a pouco forma-se um sistema daquilo em que acredito e, nesse sistema, algumas coisas permanecem inabalavelmente firmes, enquanto algumas outras são mais ou menos suscetíveis de alteração.” (§ 144).

Nem tudo aquilo que, posteriormente, tomamos como certo é aprendido de forma explícita. Gostaria de dar um exemplo<sup>6</sup> e que me soa bastante pertinente para esta discussão. Tal exemplo se refere a crença “existem objetos físicos”. Mesmo que essa crença seja essencial para que eu possa atuar em minha vida cotidiana e porque não investigativa, ela não me foi ensinada explicitamente e não raciocinei para chegar até ela. Se olharmos para nosso aprendizado, para quando começamos a fazer parte de uma comunidade humana, dificilmente veremos uma mãe dar o seguinte ensinamento a seu filho: “Filho, hoje vou te ensinar uma coisa muito importante: existem objetos físicos! Este livro, esta cadeira e esta mamadeira são objetos físicos. Assim sendo, você pode pegá-los!” O ensinamento, geralmente se dá de uma forma totalmente inversa, da seguinte maneira: “Filho! Pegue o livro para a mamãe, sente na cadeira e tome sua mamadeira”. Em todas essas sentenças está pressuposta (por falta de um termo melhor) a existência de objetos físicos, mas nem a mãe, nem o filho realmente se perguntam sobre a existência de objetos físicos, para então lidarem com objetos físicos tais como mamadeira, cadeira e livro. O mesmo acontece com práticas humanas. Ninguém nos ensinou, primeiro, o conceito de prática ou o conceito mesmo do que é realizar uma determinada prática no início de nosso atuar como humanidade. No fundo, praticamos, vivemos, realizamos várias coisas para só posteriormente começarmos a pensar sobre essas diversas coisas. Veja-se, já que falarei em breve sobre religião, como crianças são educadas na religiosidade, como elas aprendem sobre, por exemplo, Deus em religiões teístas. Não lhes é ensinado, necessariamente e em primeiro lugar, que Deus existe, mas ensina-se a pedir a proteção de Deus, a rezar, a se comportar de determinado modo em locais sagrados, sem necessariamente ensinar, em primeiro lugar, o que é rezar, ou o que significa sagrado, ou que ela deveria pensar se rezar vale a pena, ou se o local sagrado é realmente sagrado.

Na verdade, nossa visão de mundo primitiva não nos é dada ou formada como um conjunto de proposições e expressões de crenças que podem ser acreditadas como verdadeiras ou falsas, razoáveis ou irrazoáveis. Essa visão de mundo primitiva está envolta em nosso atuar cotidiano, sem que necessariamente nos demos conta dela ou nos questionemos sobre ela. Esse atuar cotidiano não é baseado em profundo raciocínio sobre

---

<sup>6</sup> Este exemplo está desenvolvido em mais detalhes em Spica, 2012.

ele. Ele também não nos é, num primeiro momento, opcional ou uma escolha. Nossas práticas, crenças, valores e atitudes primeiras não são hipóteses frente a outras diferentes alternativas relacionadas a como as coisas realmente são. O conjunto de crenças, práticas e atitudes cotidianas não nos são apresentadas como alternativas a outras crenças, práticas e atitudes. Somos inseridos nelas, as vivenciamos como as únicas existentes a nós, não porque refletimos e vimos que não há outras alternativas, mas porque simplesmente as vivemos e só tardiamente as questionamos, se é que um dia o fazemos<sup>7</sup>. É nesse vivenciar que aprendemos, por exemplo, modos corretos e incorretos de nos relacionar com outras pessoas, modos corretos e incorretos de nos relacionar com o mundo e modos corretos e incorretos de ver como as coisas são. É possível dizer, *à posteriori*, que talvez não possamos conhecer como realmente as coisas são ou como realmente deveríamos atuar, mas a questão principal é que essas questões não são colocadas a priori ao nosso atuar primitivo, mas dentro deste atuar, internamente a ele, quando já estamos realizando nossa atuação humana.

A imagem de mundo, neste sentido, é uma consequência daquilo que nos ensinam e de nosso atuar cotidiano, com nossas experiências e relações com o mundo e é nele que ela é formada. Para usar uma metáfora, não há escolha do cenário, dos atores e das falas dos atores previamente a estarmos no palco, somos jogados nele e nele formamos nosso atuar, nossa imagem de mundo primitiva. É claro que essa imagem, ou melhor, partes dessa imagem podem com o tempo se tornar estranhas e nossa confiança nela diminuir ou até desaparecer, mas até que isso não aconteça parece estranho dizermos que não estamos justificados ou que somos irracionais em nosso atuar. Como escreve Stenmark “Parece como se a coisa mais racional para nós fazermos é continuar a acreditar no que nós já acreditamos sobre Deus, a vida, e o amor até encontrarmos boas razões para acreditar em algo a mais.”<sup>8</sup>

É importante ressaltar também que essa imagem ou visão imediata de mundo não pode ser considerada como o fundamento racional a que chegamos quando pensamos em conhecimento ou como aquilo que é inquestionável e forma a base segura de nosso conhecimento, já que ela é sequer mencionada ou a temos em mente em muitas situações

---

<sup>7</sup> Cf. Phillips, 1995, p. 54ss.

<sup>8</sup> Stenmark, 2004, p. 90.

e, muito menos, é encarada como algo basilar ou fundamental<sup>9</sup>. Além do que, por ser fruto de nosso atuar cotidiano, essa visão primitiva de mundo é mutável, flexível, assim como é também, a meu ver, resiliente, no sentido de resistir e se adaptar há vários daquilo que se poderia chamar falsificadores. Ou seja, não mudamos nossa visão de mundo ou nosso sistema de crenças a todo momento. Mudamos sim, algumas crenças, mas o sistema como um todo ou alguma das crenças mais importantes para nós precisam de algum tempo e esforço para serem modificadas,<sup>10</sup> o que muitas vezes não acontece através de razões, mas de persuasão. Neste sentido parece razoável afirmarmos que estamos justificados em acreditar até que não tenhamos razões adequadas para deixar de acreditar<sup>11</sup>. E, segundo minha perspectiva, essas razões adequadas podem ser as mais diversas, desde argumentos até experiências pessoais ou movimentos de conversão.

Afim de ir concluindo, faz parte de nossa visão de mundo imediata ou primeira nossa convivência cotidiana com as pessoas, o modo como fazemos nossos afazeres diários, o modo como tomamos decisões e criamos relações e crenças implícitas as quais, muitas vezes, não aparecerão em nossas investigações como cientistas ou filósofos. Na realidade, a imagem de mundo primitiva é aquela que nos ensina a viver nosso dia-a-dia, nosso cotidiano de afazeres, de ações, de tomadas de decisões, de relações diversas. Essa imagem não é hipotética, não é explícita e não foi adquirida através de profunda reflexão ou depois de serem encontradas evidências necessárias para sua aquisição. Na verdade, ela está aí, presente em nossos modos de pensar e agir sem que necessariamente a percebamos.

Além dessa visão primeira, a qual não surge de grandes questionamentos e reflexões, existem aspectos que formam nossa visão de mundo como um todo que são mediados, refletidos, opcionais e adquiridos através da reflexão e argumentação e até mesmo depois de analisadas algumas evidências para se adotá-los. Estes aspectos constituem um posicionamento diante do mundo, o qual foi adquirido depois de se refletir sobre o próprio mundo para tentar entendê-lo. Esse posicionamento mediato diante do

---

<sup>9</sup> Ver Wittgenstein, 1972, § 167.

<sup>10</sup> Veja-se, por exemplo, o quanto certos indivíduos demoram para mudarem alguns valores ou crenças morais que possuem e como isso influencia na vida destes sujeitos e no modo como eles vêm o mundo.

<sup>11</sup> Entendo que essa é uma perspectiva que compartilho tanto com Stenmark (2004) quanto com Wolterstorff (2009). Antes de chamarmos de irracional a crença ou alguém que acredita em algo, precisamos apresentar a esta crença ou sujeito da crença argumentos que realmente tornem irracional acreditar no que se acredita. E isto não é uma tarefa fácil.

mundo é o que eu chamarei de aspectos mediatos da visão de mundo. Eles são típicos, por exemplo, de grandes sistemas filosóficos, teológicos, científicos, sociológicos, antropológicos, políticos, etc. Aqui incluo, por exemplo, o marxismo e sua ideia de que as contradições do capitalismo necessariamente levarão ao comunismo ou de que a história humana é a história das lutas de classe e de como essa ideia faz com que você encare as relações sociais de uma maneira diversa daqueles que não foram iniciados nesta teoria. Ou também a ideia segundo a qual todos os fenômenos do mundo podem ser explicados através de leis científicas ou de que todas as minhas crenças devem passar pelo crivo da razão para serem válidas e de como isso faz com que a vida do sujeito se modifique, a partir do momento em que começa a levar isso a sério. Ou ainda, uma concepção filosófica humanista, que quando adotada através da reflexão, faz com que se mude profundamente as relações humanas. Ou, por último, grandes visões teológicas como, por exemplo, a teologia da libertação e sua ideia de que o cristianismo deve fazer uma opção pelos pobres e oprimidos do mundo e que essa opção deve se sobrepor a aspectos litúrgicos e institucionais. Esta imagem de como o mundo ou partes dele é ou deve ser encarado são importantes perspectivas reflexivas sobre o mundo e não são comparáveis às nossas crenças primeiras. Estas imagens são visões adquiridas depois de profundas reflexões ou depois de analisadas evidências a favor ou contra elas ou ainda depois de se terem estudado os argumentos pró e contra elas. A meu ver, estes constituintes mediatos de mundo são apenas e tão somente mais um aspecto constitutivo da visão de mundo do sujeito. Aspectos que possuem uma outra relação com o aparato cognitivo do sujeito e que se diferenciam por serem mediadas por um uso explícito de nossas capacidades de raciocínio.

Porém, ao fazermos uso explícito da razão não abandonamos completamente nossa imagem de mundo primitiva, não o fazemos por vários motivos, mas o principal é o de que somos incapazes de duvidar de tudo, de pôr tudo o que acreditamos à prova, de buscar evidências para todas as nossas crenças. Essa impossibilidade se dá tanto por uma questão lógica resultante do fato de que para duvidarmos é necessário primeiro crer, ou seja, para que haja dúvida, é preciso acreditar em algo<sup>12</sup>. Mas também e mais importante,

---

<sup>12</sup> Neste sentido, concordo com Wittgenstein (1972) quando este escreve: “Quem tentasse duvidar de tudo, não iria tão longe como se duvidasse de qualquer coisa. O próprio jogo da dúvida pressupõe a certeza” (§ 115); “A própria dúvida baseia-se apenas naquilo que não está em dúvida.” (§ 519) e, “Na raiz de uma

essa impossibilidade se dá pelo fato de sermos seres limitados tanto cognitivamente quanto temporalmente<sup>13</sup>. Ou seja, boa parte da visão de mundo primitiva está envolta em nossos modos de pensar mediatos, em nossa atuação como cientistas, filósofos, teólogos e assim por diante. De certa forma, podemos dizer que não há uma visão de mundo puramente científica ou uma visão de mundo puramente religiosa, mas que religião e ciência, assim como nossas imagens imediatas de mundo entre outros aspectos da vivência humana, interferem e ajudam a determinar nossas visões de mundo.

## 2. IMPLICAÇÕES PARA O DEBATE RELIGIÃO VERSUS CIÊNCIA

Se minha abordagem estiver correta, a primeira conclusão a que chegamos é que religião e ciência não são visões de mundo adversárias, no sentido de que o sujeito ou tem uma visão de mundo científica ou tem uma visão de mundo religiosa. Segundo minha abordagem, a visão de mundo do sujeito é constituída tanto por elementos advindos de uma perspectiva científica, quanto de elementos de cunho religioso, como de outros aspectos da vida humana, como experiências diretas do sujeito com o mundo ou ainda ideias advindas das relações sociais, ou de reflexões ideológicas, políticas, morais, etc. Ou seja, não há uma visão de mundo puramente científica ou puramente religiosa. A meu ver, isso tem grandes efeitos sobre a discussão da relação religião e ciência, já que muitas das discussões sobre essa temática estão envoltas em uma nuvem que não nos deixa ver que cientistas, assim como teólogos, não abandonam completamente sua imagem primitiva de mundo. No seu pensar e atuar, esta imagem primitiva de mundo permanece como tácita e como pano de fundo de muitas das reflexões que o mesmo faz. Neste sentido, não se pode negar que muitos dos valores e ideias do sujeito que faz ciência, por exemplo, influenciam sua prática e os objetivos que o mesmo busca. Defender o contrário é defender que o cientista, no momento de fazer ciência, é capaz de deixar de ser um ser humano e tornar-se tão somente um cientista, um espectro não humano que realiza suas tarefas de forma neutra, o mesmo ocorrendo com o religioso que, ao ser religioso, precisaria, de alguma forma, renunciar a tudo o que é científico.

Muitos dos desacordos entre ciência e religião advêm justamente do momento em

---

convicção bem fundamentada encontra-se uma convicção não fundamentada.” (§253). A meu ver, essas passagens mostram claramente a impossibilidade de buscarmos evidências para todas as nossas crenças.

<sup>13</sup> Esta ideia é bem trabalhada por Stenmark (2004).

que colocamos nossas crenças e atuar primitivos sob o critério da razão e entendemos que tudo o que acreditamos e fazemos deve ser acreditado somente sob uma base racional. Mas, como vimos, essa ideia é absurda, pois muito daquilo que constitui nossa visão de mundo não é racional e não há como colocar tudo o que acreditamos sob o critério da razão. Além disso nossas crenças e práticas primitivas (assim como as crenças mediatas) não são abandonadas diante dos primeiros falsificadores que apresentam-se a nós. Apesar da imagem de mundo não ser algo estanque, mas passível de mudança, não se pode dizer que mudanças ocorrem a todo momento e que qualquer razão é uma boa razão para mudarmos de ideia.

Além disso, se ciência e religião não são duas visões de mundo diferentes, mas partes constituintes de uma visão de mundo, os desacordos entre religião e ciência não são desacordos de visões de mundo, mas desacordos internos à visão de mundo dos sujeitos. É preciso ter claro que uma visão de mundo é ampla e, portanto, constituída de muitos elementos científicos e religiosos, bem como de elementos das experiências sensoriais, sociais, morais e políticas, dentre outras. Entender ciência e religião como visões de mundo é entender parcialmente a complexa configuração que uma visão de mundo possui. Decorrente do fato de que religião e ciência não são visões de mundo diferenciadas, mas desacordos internos a visões de mundo, entendo que a decisão metodológica mais importante quando se trata dessa relação é a de buscar discutir pontos específicos. Ou seja, crenças, práticas, métodos e doutrinas específicas. Nesse sentido, apesar de mantida certa independência entre ciência e religião, uma pode melhorar ou tornar a outra melhor.

Porém é preciso deixar muito claro que nessas discussões é preciso ter em mente aquilo que se está a discutir. Como vimos acima, nossa visão de mundo primitiva é aquela que nos faz lidar com nossa vida cotidiana e, nesse sentido, é preciso deixar claro que a religião vivida, com suas crenças e práticas, constitui-se num espaço da vida humana muito mais próximo de outros afazeres cotidianos do que de grandes teorizações e análises científicas ou filosóficas. Muito do que se é discutido como uma hipótese religiosa-científico não foi adquirida como uma hipótese ou é tomada como uma por aqueles que creem. Uma crença como essa pode desempenhar, na vida cotidiana do

sujeito, um papel totalmente diferente do de uma hipótese científica<sup>14</sup>.

Decorrente disso, entendo que é necessário, quando se trata dos estudos de religião e ciência fazer uma diferenciação entre teologia e religião, assim como se faz entre, por exemplo, senso comum e ciência. A teologia é uma reflexão sobre a religião, sobre práticas, doutrinas e crenças e, nesse sentido, se aproxima muito mais da ciência do que a religião. As práticas, objetivos e fundamentos da teologia são outros que as práticas, objetivos e fundamentos da religião. Uma está preocupada com o próprio viver, com a vida mesma e seus problemas, suas dificuldades e desafios e outra está preocupada em entender as respostas humanas e divinas (quando for o caso) a estes problemas, dificuldades e desafios. Da mesma forma, não se pode dizer que vivemos nossa vida cotidiana, nossos afazeres diários cientificamente. Na maior parte do tempo agimos de forma quase instintiva. Realizamos nossos afazeres cotidianos de forma tal que eles não são para nós hipóteses a serem testadas, mas meios de atingir certos objetivos. Não abraçamos a pessoa amada nos perguntando a todo momento se ela realmente nos ama, não vamos à cozinha pegar água nos perguntando se realmente há água lá, não vamos à nossa aula diária nos perguntando se o professor vai realmente estar lá, não cuidamos dos nossos filhos porque esperamos que um dia eles cuidem de nós. No fundo, simplesmente fazemos estas coisas sem grandes porquês, e que bom que as fazemos (isto, no mínimo, nos poupa tempo e energia para usar nosso aparato cognitivo em coisas mais complexas). Se fazemos isso em muitas das nossas atividades humanas que não têm relação com a religião, porque estaríamos injustificados de o fazer na religião? A mim, parece muito claro que boa parte da vivência religiosa desempenha um papel muito importante na vida dos crentes, um papel que dificilmente a ciência conseguiria cumprir e o modo ou atitude do crente ao viver sua vida religiosa é uma atitude diferente daquela de fazer ciência. Isso quer dizer que o religioso não pode ser cientista ou que ele nunca pode questionar suas crenças à luz da ciência? Claro que não, quer simplesmente dizer que uma coisa é viver uma vida religiosa e outra é discutir, pensar e refletir sobre ela, ou seja, fazer, por exemplo, teologia.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Isso não quer dizer que as crenças cotidianas das pessoas não possam ser, em algum momento, colocadas à prova. A grande questão é saber o papel que estas crenças desempenham na vida de um sujeito.

<sup>15</sup> A meu ver, estas conclusões mostram que é possível defender uma certa independência da religião em relação à ciência, mas haveria a possibilidade de integração ou de colaboração entre teologia e ciência. Aqui, alguém poderia questionar a última possibilidade dizendo que a teologia se faz para provar aquilo

## NOTAS FINAIS

Busquei, neste texto, apresentar uma perspectiva alternativa da ideia de religião e ciência como visões de mundo. Defendi que é enganoso dizer que existe uma visão de mundo científica e uma visão de mundo religiosa, já que a visão de mundo de um sujeito é constituída de aspectos pré-reflexivos e reflexivos, imediatos e mediatos e que, portanto, tanto ciência quanto religião (além de outros aspectos da vida humana) podem vir a constituir a visão de mundo do sujeito. Mostrei que essa interpretação do conceito “visão de mundo” tem importantes implicações para o debate da relação entre religião e ciência. Entendo que as implicações trabalhadas aqui são apenas algumas das possíveis implicações que a interpretação de visão de mundo, aqui exposta, tem para os estudos do debate entre religião e ciência e para outras áreas da filosofia da religião. Defendo, portanto, que o modo como apresentei o conceito “visão de mundo” além de mais realista é mais frutífero do que as interpretações comumente apresentadas na filosofia da religião e na filosofia em geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOUR, I. G. *Religion and Science: Historical and Contemporary Issue*. New York: HarperOne, 1997.

PHILLIPS, D.Z. *Faith after foundationalism: critics and alternatives*. Oxford: Westview Press, 1995.

REID, T. *Investigação sobre a mente humana segundo os princípios do senso comum*. Trad.: Aline Ramos. São Paulo: Vida Nova, 2013.

SPICA, M. A. Discussões sobre a base da fé religiosa a partir de *On Certainty*. In.: Dall’Agnol, D.; Fatturi, A.; Sattler, J. (Orgs.). Florianópolis: Editora UFSC, 2012. pp. 83-95.

STENMARK, M. *How to relate Science and Religion: A multidimensional model*. Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing, 2004.

WITTGENSTEIN, L. *On Certainty* (German/English Edition). Trad. G. E. M. Anscombe and Denis Paul. New York: Harper & Row Publisher, 1972.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations* (German/English edition). Trad. G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

WITTGENSTEIN, L. “Observaciones diversas. Cultura y Valor”, en Wittgenstein, L. *Diarios e*

---

que já se acredita e não para colocar à prova a crença. Não vou me ater na resposta a esta questão aqui, pois ela exigiria uma abordagem ampla do fazer científico e tecnológico, tema importante, mas impossível de se discutir neste momento.

*Conferencias*. Trad. E. C. Frost. Madrid: Editorial Credos, 2010. pp. 557-651.

WOLTERSTORFF, N. Can belief in God be rational if it has no foundations? In.: Plantinga, A. and WOLTERSTORFF, N. *Faith and Rationality: reasons and belief in God*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2009.